

## **Ceom: 20 anos de memórias de um centro de memória**

*Elison Antonio Paim\**

Este artigo tem como finalidade situar os leitores nas memórias do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). Desenvolvo uma narrativa pautada em diversos documentos produzidos no Centro de Memória e, especialmente, nas minhas lembranças a partir de 1989, quando então passei a trabalhar na UNO-CHAPECÓ e acompanhar mais de perto a trajetória do CEOM, como participante das atividades, como professor, como conselheiro e atualmente como coordenador.

O CEOM é um programa permanente de pesquisa e extensão da UNOCHAPECÓ, desenvolve ações voltadas à preservação e à valorização do patrimônio cultural do oeste de Santa Catarina. Possui acervos documentais textuais, iconográficos, cartográficos, objetos tridimensionais, audiovisuais e tem garantido um trabalho continuado envolvendo pesquisa, construção e socialização de conhecimentos sobre sua região de abrangência.

Para o desenvolvimento dos seus objetivos o CEOM, atualmente, mantém: a) Centro de Documentação e Pesquisa (com Laboratório de Conservação Documental e de História Oral); b) Biblioteca Especializada; c) Programa PEC – Patrimônio, Escola, Comunidade (trabalha com revitalização de museus históricos e elaboração de histórias locais); d) NEEA – Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos (com reserva técnica e laboratório); e) Laboratório de Educação Patrimonial (monitoria, ações educativas e produção de material didático); f) Programa museológico (exposições permanentes e temporárias); g) Programa de Divulgação Científica e Cultural (linhas editoriais: Cadernos do CEOM – publicação temática

semestral; Série Documento – publicação de documentos, obras referenciais e técnicas; Coleção Histórias Locais; Coleção História e Patrimônio; esse programa está voltado também à organização de seminários, oficinas, palestras, vinculadas à nossa área de atuação.

Com exceção dos fundos e coleções documentais do Movimento de Mulheres Camponesas e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o acervo está totalmente higienizado, e parcialmente identificado e catalogado.

No total, temos sob nossa guarda, atualmente, quatro fundos documentais e dezesseis coleções, tematizando: processos de ocupação e povoamento do espaço regional; oralidade; processos judiciais, movimentos sociais, etnicidades, campo e cidade, patrimônio cultural, religiosidade e cultura material (essencialmente artefatos arqueológicos). São aproximadamente 20 mil metros lineares de acervo, e 2500 obras bibliográficas, totalmente disponíveis para pesquisa gratuita para a comunidade em geral.

A produção de memórias só acontece por que existem sujeitos em ação. Nesse sentido, toda essa e outras memórias que não foram aqui narradas aconteceram devido a ação de muitos que, de alguma forma, colaboraram para que o CEOM tivesse a dimensão e reconhecimento que tem. Mesmo correndo riscos de ser cobrado por esquecimentos e possíveis omissões trarei os nomes daqueles que construíram o CEOM de maneira mais direta e cotidiana. Evidentemente, que além dos citados existem muitos outros que atuaram e atuam para a construção do CEOM. Aqui, disporei de informações memorialísticas encaminhadas, em documento escrito, pela professora Hilda Beatriz Dmitruk, vejamos:

O idealizador do projeto e, por algum tempo também coordenador do projeto que originou o Programa de Pesquisa e Extensão foi o professor Santo Rosetto. Em 1986, me coube implantar e dar forma ao projeto, pensar sua dinâmica de trabalho e inclusive seu nome. Sua operacionalização deu-se através de uma Comissão Central, por mim coordenada, na qualidade de Coordenadora Implantadora. Este fato pode ser

comprovado revisando o 1º número do Cadernos do CEOM, do qual fui relatora e em cujos créditos aparece a Comissão Central, por mim coordenada, junto com os seguintes membros: José Carlos Ortiz, João Paulo Strapasson, Pedro Hentz, Paulo Hentz, Dalme Maria Grando Rauen e Hilário Scherner (conferir se ainda faziam parte o Nemésio Carlos da Silva e Jaci Poli).<sup>1</sup>

Foram os idealizadores do CEOM: Santo Rossetto (Diretor da Fundeste), Hilda Ortiz (Bibliotecária), Ilda Brisot (funcionária), Nemésio da Silva, José Ortiz, Alice Poli, Jaci Poli (voluntários).

Foram ou é Coordenador do CEOM: Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz (Coordenadora Implantadora), Ilda Brisot (1987), Pedro Uczai (1988), Santo Rossetto (1990) Elisete Schwade (1992), Mônica Hass (1993), Hilda Dmitruk (1998), Josiane Roza de Oliveira (2000)<sup>2</sup>, Marcos Batista Schu (2003) Elison Antonio Paim (2006)<sup>3</sup>.

Foram ou são funcionários do CEOM: Mauri Bessegatto (Técnico em Pesquisa), Marcos Batista Schuh (Técnico em Pesquisa – Programa PEC), Denise Argenta (Educadora Patrimonial), Miriam Carbonera (Técnica em Arqueologia) e Ademir Miguel Salini (Documentalista).

Foram ou são estagiários do CEOM: Acidalia Bogdonovittz, Roseli de Moraes, Adriana Machado, Josiane Roza de Oliveira, Claiton Márcio da Silva, Dirce Laufer, Marcos Batista Schuh, Denise Argenta, Miriam Carbonera, Eliriane Ana Tonatto, Carla Luiza Alexius, Fabiane Kehl, Genaina Micheli Eblino, Marcia Ferrari, Verence F. S. dos Santos, Solange de Picolli, Edivandro Madela, Alessandro Ribeiro de Mello, Ricardo Both, Neusa Plaut, Sibeli Stanga, Simone Barros Adamante Camargo, Marcia Simone Saugo, Cesar Capitano, Keity Lanzarini, Sandra Agostini, Ademir Miguel Salini, Rodrigo do Carmo, Cassiane Andréia Balen, Rogério dos Santos, Soraya Rocha Câmara, Vinícius Fernandes, Jucélia da Costa, Sidinei Agostini, Sidineia Agostini, Silvano, Gaziela, Elisiane Amaral, Leandro Gasperini, Leandro Siqueira, Ana Claudia Castelli, André L. Lorenzoni, Cassiano Berving, Patricia Hefel, Lucas Francheschi, Alexandra Klaus, Carla Dahmer, Enelice Pantera, Esiquiela Listone, Andreza Bazzi.

Muitas perguntas se colocam: como se constituiu o CEOM? Quem o fundou? Como? Por quê? Quais eram seus objetivos? Quais as dificuldades e facilidades enfrentadas para chegar até aqui? Que trajetória se desenvolveu quanto a espaços, funcionários, estagiários? E daqui para a frente como será?

Evidencia-se nos documentos iniciais o elenco de uma série de fatores que teriam contribuído para a criação do Centro de Memória, a saber:

a consciência das lacunas existentes na historiografia regional; a urgência do desencadeamento de uma política de defesa do rico, porém esparso patrimônio cultural; a necessidade de atingir a esfera da produção de conhecimentos científicos na área de atuação da instituição, para viabilizar a integração do patrimônio, ensino-pesquisa e extensão; o estímulo tanto do Ministério da Cultura a projetos de integração entre educação e seu contexto sócio-cultural específico (Projeto: Organização do Centro de Documentação e Pesquisa do CEOM, 1995).

Os objetivos da criação de um centro de memória vinculado à Fundação Para O Desenvolvimento do Oeste – FUNDESTE, estiveram associados à preocupação com a preservação e o resgate<sup>2</sup> da memória do oeste catarinense, que até aquele momento era praticamente inexistente na forma de registros escritos. Com o intuito de evitar que se perdesse mais dessas memórias, o grupo de fundadores desenvolveu uma série de ações para salvaguardar estas memórias. As ações estão assim expressas, “Coordenar um amplo, permanente e sólido programa de resgate e sistematização da memória sócio-cultural do Oeste Catarinense” (PROJETO DE CRIAÇÃO DO CEOM, 1986).

Logo no início, o grupo idealizador e implementador manifestava a preocupação com a divulgação científica do que fosse sendo organizado e, assim, foi criada a revista Cadernos do CEOM, com a finalidade de divulgar aquilo que estivesse sendo sistematizado e escrito sobre a memória da região oeste de Santa Catarina.

As ações foram sendo desenvolvidas buscando cada vez mais a participação de outras entidades, pessoas e municípios para além do grupo inicial. Apesar de todas as dificuldades, o grupo foi mostrando para que tinha se constituído e, já em 1987, teve financiados os projetos: “Fronteira”, aprovado pelo Ministério da Cultura, e os sub-projetos aprovados pelo CNPq “Organização do Laboratório de História Oral”, “Organização do Acervo Audiovisual”, “Organização de Arquivos Históricos”, “Oficina Básica de Museologia no Oeste”, e o “Projeto de Organização dos Acervos Audiovisuais Municipais” financiado pela FUNART. Com a aprovação desses projetos passaram a ser realizadas ações mais efetivas para a implementação prática do CEOM.

Procurando concretizar seus objetivos, o CEOM foi desenvolvendo uma série de ações nos municípios da região oeste catarinense, procurando, além da organização do Centro de Memória na FUNDESTE, o desenvolvimento de ações para que os municípios fossem constituindo uma autonomia para a guarda de suas próprias memórias. Nesse sentido, foram constituídas e organizadas as “Comissões Municipais de Coordenação da Memória Local” nos municípios de São Miguel do Oeste, Maravilha, Mondaí, Itapiranga, Palmitos, São Carlos, Modelo, Quilombo, Coronel Freitas, Xaxim, Seara, Guaraciaba, Ipumirim, São José do Cedro, Xanxerê. Estas ações resultaram hoje em um grande número de museus na região, casas de memória, casas de cultura, vários escritos sobre a história dos municípios, dentre outras formas de preservação e guarda da memória.<sup>4</sup>

Nos documentos que foram sendo produzidos evidencia-se a preocupação em marcar uma dada concepção de história e memória voltadas para as questões regionais. Visualizamos essas preocupações mais nitidamente quando, em 1987, foram definidas as linhas de ação e pesquisa do CEOM: colonizadores, sistema partidário no oeste, descaracterização da agricultura para a agroindústria, história do sindicalismo no oeste, sítios arqueológicos, memória administrativa, levantamento demográfico, usocapião, doutor Selistre de Campos.

Além do trabalho mais direto com a comunidade oestina, algumas ações indiretas foram sendo desenvolvidas através de palestras em escolas, cursos para professores, gincanas para a coleta de fotos e documentos diversos, a organização em conjunto com o curso de Especialização em História, do “I Simpósio de História do Oeste Catarinense”, realização de visitas a pessoas e órgãos públicos, todas com o intuito de despertar a necessidade pela preservação. Ainda destacam-se ações na imprensa, visitas a possíveis patrocinadores, incentivo à escrita à publicação e organização de exposições temáticas.

Foram significativas para a consolidação do CEOM as relações desenvolvidas com os acadêmicos e professores do curso de Especialização em História desenvolvido na FUNDESTE em convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bem como junto aos acadêmicos do curso de Estudos Sociais. Esses cursos produziram grande quantidade de fontes orais, reuniram documentos, objetos líticos e cerâmicos de origem pré-colonial e a produção de trabalhos monográficos, os quais foram sendo depositados no CEOM.

Outro marco importante nas relações intra e interinstitucionais do CEOM foi a criação do curso de Licenciatura Plena em História, em 1989, e em 1991 do curso de Especialização em Teoria e História do Brasil República – este conveniado com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A criação desses dois cursos trouxe um novo ânimo para as atividades do CEOM, que passou então a ter parceiros mais sistemáticos, quer seja os professores e acadêmicos do curso de História, quer acadêmicos ou professores da especialização originários da PUC-SP, UFSC e outras universidades.

Porém, se por um lado aconteciam atividades significativas que iam consolidando o CEOM como referência para os diferentes sujeitos de alguma forma a ele vinculados, institucionalmente iniciava-se a partir de 1989 um tempo de grandes mudanças. Inicialmente, é preciso destacar que com as eleições para a direção da FUNDESTE, o grupo vinculado ao CEOM foi desarticulado, algumas pessoas foram demitidas pela nova direção, e o Centro de Memória foi praticamente fe-

chado, pois a mínima estrutura existente foi retirada pela nova direção da instituição. Embora a pressão tivesse sido grande e os empecilhos criados em abundância, o CEOM enquanto grupo de pessoas interessadas na sua manutenção e especialmente na figura do então coordenador foi resistindo a tudo e a todos e conseguindo se manter apesar de todas as dificuldades.

Com o propósito de situar nossos leitores na dinâmica da universidade à qual o CEOM está vinculado, a seguir, faço um pequeno intervalo na narração das memórias do CEOM. Passo a trazer, de maneira breve, algumas memórias da universidade a que estamos vinculados. Considero aqui o imbricamento das diferentes memórias, quer das pessoas, quer dos diferentes setores da universidade, destacando a mudança de estrutura e a nomenclatura de FUNDESTE para UNOESC-CAMPUS CHAPECÓ e posteriormente para UNOCHAPECÓ.

Nos anos 1980, aconteceram algumas tentativas de transformar a FUNDESTE em Universidade Federal, porém, por divergências políticas e disputas entre as diversas fundações educacionais do oeste de Santa Catarina, o sonho não se concretizou.

A solução encontrada foi associar-se a outras Fundações Educacionais com finalidades semelhantes, como a FEMARP (Fundação Empresarial do Alto Vale do Rio do Peixe), com sede em Videira, a FUOC (Fundação Educacional do Oeste Catarinense) com sede em Joaçaba, a FEMAI (Fundação Educacional dos Municípios do Alto Irani), com sede no município de Xanxerê, e a FUNESC (Fundação Educacional do Extremo Oeste de Santa Catarina) com sede em São Miguel D'Oeste. Cada uma destas fundações estava centrada em uma microrregião e atendendo outros municípios, além da sede inicial. A partir desta associação foi criada uma universidade multi-campi, a Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Em 1996, a UNOESC obteve o credenciamento como Universidade junto ao Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Embora tivesse ocorrido a associação entre as diversas fundações educacionais para a criação de uma universidade única, as his-

tórias e peculiaridades de cada uma delas não foram apagadas. Cada uma manteve a sua autonomia em diversos aspectos; porém, juridicamente, formavam uma entidade única, com uma administração central, com um reitor e pró-reitores de Administração, Ensino, Pesquisa e Extensão em cada um dos campi, também com os chefes de departamentos locais, que escolhiam entre si um chefe do Departamento Geral. Essa forma de organização, na maioria das vezes, não funcionava. Continuavam sendo cinco universidades isoladas, tomando atitudes e procedimentos diferenciados quanto ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Também as concepções de universidade e sua organização explicitaram-se diferentes. No campus de Chapecó através de assembleias, dias de estudo e votação de propostas, evidentemente apresentaram-se opiniões divergentes. Definiu-se, então, que o modelo de universidade que queríamos deveria ter tais características: comunitária, plural, democrática e que atendesse, especialmente, os interesses comunitários regionais. A partir de então foram sendo definidas as linhas, os grupos de pesquisa e as atividades de extensão que deveriam ser prioritariamente voltados aos problemas regionais.

Entre 1996 e 2002, época do credenciamento, ocorreu um grande crescimento de todos os campi, quanto ao número de alunos, professores, funcionários e ações. O campus de Chapecó foi se consolidando na perspectiva de atender às exigências legais, quanto ao número de docentes com titulação de mestres e doutores, docentes com carga horária integral, destinação de horas para pesquisa, investimentos em capacitação docente, desenvolvimento de atividades em ensino, pesquisa e extensão. Procurou-se atender às exigências para a manutenção do título de universidade. Porém, os demais campi não pensavam e não administravam da mesma forma; portanto, beneficiou-se no momento do credenciamento, devido à avaliação ocorrer no conjunto, toda a UNOESC. Por outro lado, havia diferenças quanto à concepção político-administrativa. O campus de Chapecó era vol-



tado para uma administração mais democrática e descentralizada, enquanto os demais eram contrários às eleições para dirigentes, por exemplo.

A situação foi se tornando impraticável. O campus de Chapecó optou, então, pelo desligamento/rompimento da associação, desvinculou-se da antiga instituição, UNOESC, e houve a criação de uma nova universidade, a Universidade Comunitária Regional de Chapecó (UNOCHAPECÓ).

Uma instituição de ensino superior, com sede em Chapecó, e com cursos fora de sede nas cidades de São Lourenço D'Oeste, Xaxim e Palmitos, com prazo de duração indeterminado, criada pela Resolução nº AS/002/2002 de 11 de março de 2002, mantida pela Fundação Universitária do Desenvolvimento do Oeste – FUNDESTE, criada por Lei Municipal nº 141/71, de direito privado, declarada de utilidade pública municipal, estadual e federal, filantrópica, sem fins lucrativos, com sede na cidade de Chapecó no Estado de Santa Catarina (<http://unochapeco.edu.br>, acesso em: 15 ago. 2006).

A história da UNOCHAPECÓ está marcada pela preocupação com as questões regionais. Evidentemente, “essa consciência do regional não quer significar puro localismo. Ou seja, mesmo voltada ao regional, esta universidade não perde o contato com o universal” (PLANO DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA, 1999, p. 9).

Essa preocupação com as questões regionais e locais está expressa em diferentes documentos, desde o regimento até a definição das linhas e grupos de pesquisa. Portanto, esta preocupação também está expressa no CEOM, objeto deste livro.

Realizado o intervalo acima, retomo, agora, a narração sobre as memórias do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM). Convido os leitores para voltarmos no tempo até 1991, quando então foram superadas algumas divergências internas, e o CEOM foi aos

poucos se colocando em cena novamente, como um velho rio que fora desviado e que naquele momento retomava à força o seu antigo leito. Evidentemente, essa retomada de percurso não se deu de maneira aleatória, e sim devido à necessidade que a nova universidade – UNOESC – apresentou em desenvolver atividades de pesquisa e extensão. Quem dispunha de certa experiência para desenvolver tal tarefa? Exatamente: o CEOM.

Criou-se então uma “Minuta de programa para a retomada das atividades do CEOM”, documento que expressa dentre outras coisas um plano de ação para a revitalização do Centro de Memória, que agora não seria mais de Chapecó apenas e sim passariam a existir comissões do Centro de Memória nos campi de Videira e Joaçaba. O CEOM constituiu-se então em uma “unidade de pesquisa e extensão no campo da História e Ciências afins”.

No já referido documento destaca-se a necessidade da retomada urgente das atividades do CEOM, justifica-se que:

- 1º Trata-se de uma atividade que foi recebida com simpatia por todos os municípios da região Oeste e estimulou a comunidade como um todo no gosto pelo conhecimento de aspectos de sua história e cultura negligenciados pela ‘História oficial’. O fato de não tratar-se de reativação e ampliação e sim continuidade.
- 2º A UNOESC conta com curso de graduação em história, e vários cursos de pós-graduação a nível de especialização. O CEOM representa a possibilidade de integração de profissionais capacitados, através da articulação pesquisa/ensino.
- 3º A abrangência geográfica do CEOM poderá ser concretizada através da efetiva participação dos municípios que envolvem os três campi da UNOESC: Chapecó, Joaçaba, Videira.
- 4º Os acervos já agrupados nos municípios correm o risco de ficar apenas como o caráter “museológico”. É preciso sistematizar as informações que neles contemplam, enquanto expressão da história e cultura de pessoas que viveram e/ou vivem na região Oeste de Santa Catarina. Simultaneamente faz-se necessária a continuidade do resgate, sempre prevendo o envolvimento da comunidade

(PROJETO DE RETOMADA DAS ATIVIDADES DO CENTRO DE ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA SÓCIO-CULTURAL DO OESTE DE SANTA CATARINA -CEOM, 1992, p. 5).

Naquele momento, o CEOM passou a ser uma das unidades do Departamento de Ciências Humanas e Sociais do campus de Chapecó da UNOESC, composto por um núcleo de professores.

Para a integração com os demais campi foram realizadas duas atividades no ano de 1991. Em maio, uma oficina de fotografias no campus de Joaçaba envolvendo todos os campi e representantes de diversos municípios da área de abrangência da universidade. Em junho, uma reunião com os integrantes das Comissões Municipais de Memória em Chapecó, quando definiu-se pela “urgente retomada” das atividades do CEOM junto a essas comissões.

Após o desenvolvimento das atividades de visita aos municípios para a retomada das atividades do CEOM, a professora Elisete Schwade, coordenadora do CEOM, apresentou ao Coordenador Acadêmico da Unoesc-Campus Chapecó o “Relatório: Projeto de Retomada das Atividades do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste de Santa Catarina (CEOM)”, em que apresenta uma relação de municípios visitados, num total de 22. Destes, 5 possuem casas de cultura, 2 possuem centros de memória, 5 possuem museus, e em 10 existiam as comissões municipais de cultura sem um espaço físico. Neste item, destaca a relação que estes municípios desenvolviam com as escolas de ensino fundamental, procurando desenvolver pesquisas e atividades sobre as histórias locais. A seguir, descreve os objetos encontrados em cada um desses espaços, aponta a necessidade de preservação dos acervos da Companhias Colonizadoras e evidencia a necessidade de “retomar a idéia que deu origem ao programa CEOM, qual seja, a coordenação, acompanhamento e discussão do resgate da memória e história, com orientações teórico-metodológicas e através da troca constante de experiências” (p. 5).

O relatório aponta ações necessárias para o andamento das atividades: elaboração de proposta de assessoria e protocolo de intenções;

reunião dos municípios contatados para atividades conjuntas; elaboração de projetos, visando fazer com que os municípios percebam possibilidades de retomar o trabalho desenvolvido às comunidades; realização de oficinas, visando o aprimoramento técnico; elaboração de projeto de Pós-Graduação em Museologia. Logo a seguir tece uma série de considerações sobre o caráter preservacionista que foi se instalando nesses municípios tendo uma marca forte, a colonização, evidenciando-se, especialmente nas fotos, uma “perspectiva de ilustrar o ‘início’ do município, a primeira casa, a primeira igreja, a primeira escola... o que se situa como início envolve, neste caso, a ocupação da região através da colonização desconsiderando a presença humana anterior” (p. 10).

O relatório contém como anexos os seguintes projetos e ações: 1) proposta de assessoria para organizações e centros de memória na região oeste de Santa Catarina; 2) protocolo de intenções, explicitando os compromissos do CEOM e das prefeituras; 3) exemplar do boletim do CEOM, com informes sobre atividades desenvolvidas; 4) projeto de produção de slides sonorizados sobre a história sócio-cultural do oeste catarinense e projeto de realização de oficina: Memória e história, fotografia e história oral.

Como expressão das novas relações que estavam se estabelecendo da parte da universidade para com o CEOM aconteceu em 28 de julho de 1992 uma reunião entre professores da UNOESC Campus Chapecó de alguma forma vinculados ao CEOM e a professora Yara Aun Khoury, professora da PUC-SP, coordenadora do Centro de Documentação e Informação Científica “Professor Cassemiro dos Reis Filho” (CEDIC) e professora do curso de Especialização em História e Teoria do Brasil República. Este encontro teve como objetivo o desenvolvimento de uma possível parceria entre as duas instituições. A professora Yara fez uma série de questionamentos quanto aos objetivos, finalidades e identidade do CEOM. Acredito que a partir deste momento passou-se a pensar, ou intensificaram-se tentativas de definição do que realmente o CEOM queria ser e fazer, qual seria sua identidade.

Como resultado da retomada das atividades e das redefinições novos contatos foram sendo realizados. Destacam-se, especialmente, as relações desenvolvidas com o IBPC (Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural), de Flórida-nópolis, no ano de 1994, quando então foram realizadas em conjunto as oficinas de arqueologia nos municípios de Caibi, Chapecó, Guaraciaba, Mondaí, São Lourenço D'Oeste e São Miguel Do Oeste ministradas pelo arqueólogo Rossano Bastos. E, ainda, visitas e cadastro de sítios arqueológicos em Xaxim, São Lourenço, Caxambú do Sul, Ipumirim, Concórdia e Seara.

Neste período, foram sendo desenvolvidas uma série de atividades para ampliar a visibilidade das ações desenvolvidas pelo CEOM. E de intensificar as relações com os museus e centros culturais da região oeste. Destacam-se diversas oficinas, exposições, programas de rádio, vinhetas para televisão, realização de entrevistas orais, a criação da disciplina de "Estudos e Preservação dos Bens Culturais" no curso de História vinculando, assim, de maneira mais sistemática o CEOM ao curso. As atividades da disciplina procuravam enfatizar e desenvolver atividades voltadas para as linhas de atuação do Centro de Memória. Além dessa disciplina foram se intensificando as produções de trabalhos de conclusão de curso, projetos de pesquisa com financiamento de bolsas para acadêmicos e horas para professores orientadores.

Nesse mesmo período de retomada das atividades, dentre outras, criou-se o "Projeto Memória", o qual:

Teve parceria da Fundação Cultural Plínio Arlindo de Nês e a RBS TV e veiculava cenas significativas da História Regional, através da mídia televisiva, fazendo chegar a um público mais ampliado aspectos culturais vivenciados no Oeste Catarinense (PROJETO PARA SOLIDIFICAÇÃO DO CEOM ENQUANTO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA, 2000, p. 6).

Assim, as ações foram se sucedendo, as demandas, as atividades, os espaços se ampliando. A necessidade de uma melhor defini-

ção do que deveria ser o CEOM encaminhou para a elaboração de um planejamento estratégico. Conforme ata de 02 de setembro de 1998, explicita-se que procurou-se responder a uma série de perguntas como: para que existe o CEOM? Quem constitui sua equipe? Quem é o público-alvo? Quais as frentes de trabalho? Quais as temáticas a serem privilegiadas? O que fazer a curto e a médio prazo? A seguir aparecem alguns encaminhamentos:

Quanto ao público-alvo: acadêmicos, pesquisadores, alunos do ensino fundamental e médio e participantes de Movimentos Sociais.

Quanto às frentes de trabalho: criação de um museu como forma de obter financiamento e sistematizar ações de educação patrimonial, e elaboração de um projeto para registrar o CEOM como museu, arquivo e centro de documentação.

Quanto às temáticas: seriam dinâmicas do espaço regional, subjetividade e cultura e epistemologia e produção do conhecimento. Todas eram linhas de pesquisa do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNOESC-CHAPECÓ ao qual o CEOM estava vinculado.

Quanto às ações futuras: organização de fontes através de metodologia organizacional, produzir novas fontes envolvendo a comunidade regional, implementação de sub-projetos (História Oral, Acervo Fotográfico e documentos escritos), continuidade da elaboração dos cadernos do CEOM e dossiês temáticos e a urgente ampliação da estrutura funcional.

Como resultado dos debates, em outro documento, encontramos a explicitação de que o CEOM deveria ser:

Um Programa de pesquisa e extensão, de caráter interdisciplinar e participativo que tem por finalidade promover, incentivar e apoiar a preservação e difusão da memória e do patrimônio sócio-cultural da região Oeste de Santa Catarina, a partir dos seguintes suportes documentais: textual; oral iconográfico; audiovisual; cartográfico; cultura material (objetos e artefatos); arquitetônico e ambiental, de valor histórico, tornando-

os acessíveis às comunidades acadêmica científicas e cultural, às entidades governamentais e não-governamentais, às empresas e ao público em geral (PROJETO PARA SOLIDIFICAÇÃO DO CEOM ENQUANTO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA, 2000, p. 6).

Em outro momento, março de 1999, definiu-se pela formação de frentes de trabalho: Centro de Documentação, Programa de Pesquisa, Programa de Extensão, Programa de Divulgação e Marketing e Equipe de Formalização. Para a implementação das frentes de trabalho são apontadas algumas possíveis parcerias com a Fundação Catarinense de Cultura, SANTUR e Movimentos Sociais. E, ainda, a realização de um diagnóstico da área de patrimônio cultural na região e o incremento das publicações do CEOM (ATA, 01/03/1999).

Como o espaço físico no campus da universidade tornou-se pequeno, a solução encontrada foi transferir o CEOM para um prédio no centro da cidade, onde já estavam instalados alguns serviços de atendimento à comunidade desenvolvidos pela universidade.

Com a mudança de estrutura física e organizacional, definiu-se a criação de um Conselho do CEOM, composto por: representantes dos acadêmicos e docentes dos cursos de História, Geografia, Filosofia, Psicologia escolhidos por seus pares; representantes das áreas de Sociologia e Antropologia; representante da Vice-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação e pelo Diretor do Centro de Ciências Humanas.

Logo após a mudança de espaço intensificaram-se as negociações para o recebimento da documentação da Empresa Colonizadora Bertaso (grande parte dos documentos de 20 empresas ligadas à colonização da região oeste de Santa Catarina), do agroindustrial e político-regional Plínio Arlindo de Nês (documentos pessoais, empresariais e da Secretaria dos Negócios do Oeste e alguns objetos), e também do Fórum da Comarca de Chapecó recebemos mais de 4mil processos das décadas de 1910 a 1980.

Todos esses acervos – os primeiros constituídos como tal – chegaram ao CEOM praticamente ao mesmo tempo, ampliando em muito as demandas por estrutura, funcionários, estagiários e pesquisas.

Para a realização de pesquisas, a partir dos novos acervos, foi definido que os professores do Centro de Ciências Humanas e Sociais deveriam, na medida do possível, vincular suas pesquisas aos acervos já existentes no CEOM e aos que acabavam de chegar. A forma de garantir horas para os professores seria através da apresentação de projetos aos editais internos e externos à universidade.

Como já referi anteriormente, o CEOM acompanhou sempre a dinâmica da universidade. Em 2000, iniciaram as primeiras evidências de uma possível ruptura do Campus de Chapecó com a UNOESC e a criação de uma nova universidade. Nesse contexto, no final de 2000 no planejamento para 2001, o debate deu-se em torno da manutenção do CEOM vinculado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais ou se passaria a ser um Programa Institucional. Acordou-se que financeiramente seria mantido pela Pró-Reitoria de Administração e administrativamente seria mantido pelo Centro de Ciências Humanas e Sociais.

Intensificaram-se as tentativas de captação de recursos externos através de projetos específicos, como: “Capacitação Teórico-Prática para pesquisa, Resgate e Elaboração de Materiais Didáticos sobre o Patrimônio Cultural Kaingang”, financiado pelo Ministério da Cultura. Além deste projeto, intensificou-se o Programa-Escola-Comunidade (PEC), foram realizados convênios com os municípios de São Carlos, Nova Itaberaba e São Lourenço D’Oeste.

Ainda em 2001, com a necessidade de arranjar os acervos recebidos, buscou-se a assessoria do CEDIC da PUC de São Paulo. A professora Yara Koury veio a Chapecó, realizou uma reunião com a equipe, visitou os locais de higienização e organização dos acervos, discutiu-se a possibilidade de um convênio de colaboração entre os dois centros de memória. Posteriormente, o CEDIC enviou proposta do convênio, este não se realizou devido aos custos considerados altos pelas condições do CEOM naquele momento.



Com o objetivo de estreitar as relações com o Núcleo de Estudos Museológicos de Santa Catarina (NEMU), o CEOM sediou em junho de 2001 a reunião do grupo. Nesta foram realizadas diversas oficinas e palestras, da qual participaram representantes de diversos museus do Estado.

Evidenciam-se nas atas de 2001 sinais da dificuldade de acesso ao CEOM pelos acadêmicos dos diferentes cursos da universidade, devido à localização fora do campus.

A organização e implementação das frentes de trabalho foram se concretizando. Em 2002, surgiu a proposta da criação do Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos (NEEA), para que recebêssemos o acervo Marilandi Goulart, o qual havia sido retirado, na década de 1980, de diversos sítios arqueológicos do oeste de Santa Catarina, portanto, legalmente, deveria ficar em alguma instituição da região. As negociações com o IPHAN não possibilitaram um acordo, e o acervo acabou sendo cedido para a Universidade Regional de Erechim (URE), no Rio Grande do Sul. Aparadas algumas arestas, o Núcleo Arqueológico foi sendo implementado, e o CEOM recebeu, inicialmente, o acervo arqueológico da Usina Hidrelétrica de Quebra-Queixo localizada nos municípios de Ipuçu e São Domingos. Desenvolveu-se convênio com algumas empresas de arqueologia, assim, outros acervos arqueológicos vieram e continuam a vir.

Com a aprovação da criação da nova Universidade – UNOCHAPECÓ – em 2002, no planejamento para 2003, retomou-se a discussão da lotação do CEOM, se ficaria administrado pelo Centro de Ciências Humanas e Sociais ou na Vice-reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação. Depois de um intenso debate, em reunião do Centro, definiu-se por 13 votos favoráveis, dos 18 presentes, que: “o CEOM fique como Programa da instituição com vinculação ao Centro de Ciências Humanas e outros Centros que desenvolvam trabalhos afins (ATA do dia 02/12/2002 do CHUS).

Em 2004, através de convênio entre a prefeitura municipal de Chapecó e a UNOCHAPECÓ, a prefeitura cedeu, por 10 anos, parte

do segundo andar do terminal rodoviário municipal para a instalação do CEOM. As instalações físicas e a aquisição dos equipamentos foram realizadas com verba de um projeto encaminhado ao IPHAN que transferiu para o CEOM o recurso de uma multa compensatória paga por uma empresa de energia elétrica.

Com a nova sede ampla, espaçosa, foram construídas salas para: Centro de Documentação (higienização e acondicionamento), biblioteca setorial, sala de pesquisa, salão para reuniões e atendimento ao público da Educação Patrimonial, salas do Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos (higienização e acondicionamento), uma cozinha, salas para secretaria, para os responsáveis pelo Centro de Documentação, Pelo Núcleo de Arqueologia, pela Educação Patrimonial, e pelo Programa-Escola-Comunidade e sala da coordenação do CEOM.

Após a mudança para a nova sede os esforços se concentraram na perspectiva de captação de recursos para a estruturação e organização de forma apropriada para um centro de documentação. Foram encaminhados diversos projetos para diferentes instituições que financiam projetos de cunho cultural. Foram aprovados e estão em andamento os seguintes projetos de parceria: “Valorização da Cultura Cabocla”, apoiado pela Fundação Cultural Catarinense e financiado pela Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC), no qual estamos realizando um inventário da cultura cabocla no que foi o Velho Chapecó (área original do município de Chapecó); “Organização e Valorização do Acervo do CEOM”, projeto para compra de equipamentos do centro de documentação patrocinado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES). Em contrapartida, o CEOM está realizando a higienização, catalogação e pesquisa no acervo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC); “Informatização e Digitalização do Acervo do CEOM”, financiado pela Caixa Econômica Federal, no qual realizaremos a informatização do acervo existente no CEOM.

Embora estejamos em condições aceitáveis quanto à estrutura física, de pessoal, de equipamentos, alguns desafios nos colocam

em marcha para a efetivação de algumas metas: construção de uma sede própria para o CEOM no campus da UNOCHAPECÓ; vinculação mais efetiva com os diferentes cursos da UNOCHAPECÓ; maior incentivo aos acadêmicos para que realizem pesquisas nas temáticas dos acervos; ampliação do acervo da biblioteca setorial; especialização e excelência do centro de documentação em algumas áreas; ampliação do acervo; implementação de ações preventivas de conscientização da comunidade quanto ao cuidado com os documentos; implementação de políticas de ampliação de acervos; desenvolvimento de ações para a produção de novas fontes, principalmente orais; produção de materiais didáticos para as ações de educação patrimonial, dentre muitas outras, para que Oxalá consigamos completar mais e mais vinte anos.

## Notas

\* Coordenador do CEOM a partir de março de 2006. Professor do curso de História da UNOCHAPECÓ, Mestre em História pela PUC-SP e Doutor em Educação pela UNICAMP. Membro do Grupo de Pesquisa Epistemologia e Formação Humana da UNOCHAPECÓ.

<sup>1</sup>A professora Hilda Beatriz Dmitruk sugeriu, em documento escrito, várias complementações e informações que não havíamos encontrado nas diversas atas originais consultadas, que encontram-se depositadas em nossos acervos.

<sup>2</sup>Josiane Roza de Oliveira foi coordenadora do CEOM por duas vezes, inicialmente de 2000 a 2002 e posteriormente de 2004 ao início de 2006, quando afastou-se para doutoramento.

<sup>3</sup>As informações foram buscadas em diversos documentos disponíveis no CEOM, como por exemplo as atas manuscritas de reuniões da Comissão Central, panfletos, folders o documento enviado a Vice-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós-graduação com cópia a este Coordenador em 02/10/2006 e muitos outros documentos.

<sup>4</sup>Considero que o termo resgate não é o mais apropriado quando falamos em memória e história, porém está presente em muitos documentos do CEOM. Quando trabalho com memória pauto-me no conceito de rememoração cunhado por Walter Benjamin, o qual defende que reconstruímos o passado com as referências do tempo presente. Portanto, não existe a perspectiva do resgate, o qual pressupõe a escrita da história como ela aconteceu. Ver: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (3 volumes). A memória é abordada, especialmente, nos textos: "Infância em Berlim por volta de 1900", "O Narrador" e "Experiência e Pobreza".

<sup>5</sup>Foram se constituindo o que se denominou "Lugares de Memória". Ver: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992; NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História - n. 10**. São Paulo: EDUC, 1993, p. 7-28. Tradução de Yara Aun Khoury.